

RESENHA

A QUEDA NO TEMPO DE E. M. CIORAN

BOOK REVIEW: E.M. CIORAN'S *LA CHUTE DANS LE TEMPS*

CIORAN, E.M. *La Chute dans le temps*. In: _____. *Oeuvres*. Paris: Quarto/Gallimard, 1995.

Rodrigo Inácio

Mestre em Ciências da Religião PUC/SP

e-mail: rirms04@yahoo.com.br

Resumo: esta resenha busca expor a concepção de pecado original do filósofo franco-romeno E.M. Cioran, conforme expressa em seu livro *La Chute dans le temps*, de 1966. A idéia de pecado, entendida pelo autor como queda, muito mais em sentido ontológico do que moral, é fundamental para compreender seu pensamento e sobretudo sua concepção antropológica. O livro é dividido por temas mais ou menos relacionados à questão da *queda no tempo*, tendo todos eles algum vínculo com o universo de referências religiosas que sempre circundou Cioran.

Palavras-chave: Cioran, Queda, Pecado original, Tempo, História, Mal.

Abstract: this review aims at exposing French-Romanian philosopher E.M. Cioran's concept of original sin, as presented in his book *La Chute dans le temps*, published in 1966. The idea of sin, understood by him in terms of chute, much more in an ontological than in a moral sense, is essential for understanding his thought and above all his anthropological view. The book is divided in themes more or less related to *the fall into time* issue, all of them maintaining some kind of tie with the universe of religious references that has always surrounded Cioran.

Key-words: Cioran, Fall, Original sin, Time, History, Evil.

La *Chute Dans Le Temps* (“A Queda no Tempo”), publicado em 1966, é o décimo livro do filósofo franco-romeno Emil Cioran (1911-1995) e o quinto escrito em língua francesa, à qual ele se converteu definitivamente após mudar-se, em 1937, para o respectivo país. É um dos três livros de temática explicitamente religiosa, sugerida já no título, junto com *Lacrimi și Sfinți* (“Lágrimas e Santos”), de 1937, e *Le Mauvais Demiurge*, (“O Funesto Demiurgo”), de 1969.

Neste livro, Cioran se debruça sobre o mito do pecado original, e a idéia de queda contida no título indica os tons trágicos que tingem sua interpretação nada ortodoxa. A sua é uma teologia gnóstica, com um forte caráter helenístico de fundo. Mais do que moral, o pecado traz conseqüências ontológicas, e aqui já se deixa entrever a tese que o autor levantará com toda clareza em *Le Mauvais Demiurge* (1969), seu livro seguinte: o homem não é o primeiro a pecar, o primeiro pecado é aquele de Deus, a Criação. A culpa de Adão é coextensiva à do Criador, ambos sob suspeita de estarem a serviço do mal.

A maldição que recai sobre nós já pairava sobre nosso primeiro ancestral, antes mesmo que se dirigisse à árvore do conhecimento. Insatisfeito de si, estava-o ainda mais de Deus, que invejava sem sabê-lo; viria a ter consciência disto graças aos bons ofícios do tentador, auxiliar e não autor de sua ruína. (CIORAN, 1995b, p.1071)

A história humana é uma grande tragédia, tendo início com essa maldição, resultante do miasma que já contaminava o solo do Éden muito antes de Adão comer do fruto proibido. A queda é irreversível, contínua, fatal, e representa o drama de uma condição marcada pela desgraça. O primeiro capítulo de *La Chute dans le Temps* é “L’arbre de vie” (“A árvore da vida”), o que sugere a ênfase dada por Cioran a esta em oposição à árvore do conhecimento. Em detrimento da verdadeira sabedoria, aquela que lhe permitiria permanecer no estado de “beatitude estacionária” (*Ibid.*, p. 1073) que nos é tão estranho, Adão optou, prefigurando o destino de toda uma raça, pelo conhecimento do bem e do mal. Ao invés de buscar igualar-se a Deus pela eternidade, optou por fazê-lo pelo conhecimento. Inconseqüente e louco, preteriu a paz, a segurança, a felicidade, a vida, em nome do desconhecido, do novo, do proibido, do mortal. Para Cioran, tal é o homem.

De um lado, a falta de perspicácia psicológica do Criador, que não soube precaver-se contra os desejos mais secretos da criatura e acabou tendo que se ver com o desdobramento oposto ao que desejava com sua proibição. “A advertência do alto revelou-se menos eficaz que a sugestão de baixo: melhor psicólogo, a serpente saiu ganhando.” (*Ibid.*, p. 1072) De outro lado, a maldição de uma criatura atraída pelo erro, condenada a arriscar o pouco em nome do ilimitado, a preterir a sabedoria a favor do conhecimento. Insatisfeito de si mesmo e de Deus no interior do paraíso, tampouco seria fora dele que encontraria a felicidade.

Para Cioran, o que marca nossa condição e a distingue daquela dos demais seres é nossa inaptidão natural à felicidade, a idéia de que a aventura humana, conforme interpreta a partir da narrativa do *Gênese*, tem início com a renúncia à felicidade mesma, da qual a história representa a busca sem sucesso. Ainda que seja um dos elementos de cunho propriamente religioso do seu pensamento, o pecado original possui para ele um valor filosófico, não revelacional. Debilitado por uma “incapacidade orgânica de crer” (*Idem*, 1995a, p. 226), conforme expressa em entrevistas, ele apresenta uma compreensão que é exterior à fé. Ao mesmo tempo, afirma em relação ao *Gênese*: “Aos meus olhos, a verdade se encontra neste livro.” (*Ibid.*, p.112) É este o texto que vai mais a fundo nos mistérios do homem, que diz quem ele é, qual sua verdadeira natureza.

O autor interpreta a motivação do pecado como sendo a megalomania e a ambição inerentes à criatura – sua *hybris*, poderíamos dizer. Ao invés de se contentar com seu estado primeiro, Adão aspirou a mais, quis superar-se, pecou pelos próprios excessos. Do mesmo modo o homem demonstra, segundo Cioran, uma relação problemática com a idéia de limites. Se, por um lado, a queda é o resultado da desobediência da criatura para com seu criador, por outro representa um atentado contra a natureza, a transgressão de um animal que sai dos trilhos, que se extravia do curso natural das coisas. O pecado em chave teológica coincide com o movimento de “desnaturação” em chave metafísica. O homem surge como uma transgressão à unidade primordial, despertando do sono das criaturas que descansam bem-aventuradamente no anonimato da natureza. A natureza é a ortodoxia; o homem, a heresia. Ele ergue-se, rompendo com a harmonia original e inserindo no interior do mundo um princípio demoníaco de fragmentação.

A queda se dá *no tempo*, domínio da finitude e da dispersão, sendo tempo e consciência - ambos vistos como realidades demoníacas - simultâneos. A nossa história, prolongamento da queda, carrega ao mesmo tempo os estigmas que definem o homem e o tempo. O homem, condenado à consciência da dor de existir, só tem escolha entre o esquecimento e a ilusão. A idéia de pecado, entendido como queda trágica, é fundamental para compreender o pensamento de Cioran, sobretudo sua concepção de ser humano, predominantemente marcada pela presença do mal.

A idéia de pecado é antropológicamente necessária para Cioran, porque faz muito sentido no que diz respeito à existência humana. Vai de encontro às nossas misérias; mais do que isso, à nossa *miséria essencial*, que remonta à raiz corrompida de nosso ser. Trata-se, ademais, de uma idéia *útil*, à medida que fornece uma explicação para nossas provações e sofrimentos. *Em Exercícios de Admiração*, escrito vinte e dois anos mais tarde, Cioran retoma o tema, em perfil dedicado ao pensador católico francês, Joseph de Maistre:

Como todas as grandes idéias, a da Queda explica tudo e não explica nada, sendo tão difícil fazer uso dela quanto viver sem ela. Mas, enfim, quer seja atribuída a uma falta ou a uma fatalidade, a um ato de ordem moral ou a um princípio metafísico, a verdade é que ela explica, pelo menos em parte, nossos descaminhos, nossa irrealização, nossas buscas infrutíferas, a terrível singularidade dos seres, o papel de perturbador, de animal desequilibrado e inventivo que foi reservado a cada um de nós. E se ela comporta numerosos aspectos sujeitos a caução, existe um, no entanto, cuja importância não se contestará: é o que faz remontar nossa degradação à nossa separação do todo. (CIORAN, 2001, p.15)

Cioran continua *La Chute dans le Temps* abordando outros temas mais ou menos relacionados às questões do pecado adâmico e do mal em sentido teológico. O capítulo seguinte, "Portrait du civilisé" ("Retrato do civilizado"), discorre sobre aquele que seria o perfil do homem ocidental moderno. Ainda que a idéia do pecado aspire à universalidade como traço antropológico constitutivo do ser humano, para o autor ela diz muito mais sobre nossa civilização ocidental em particular do que qualquer outra cultura. É conhecida a anedota em que Sócrates, encontrando-se no mercado de Atenas, comenta ironicamente a respeito da variedade de produtos à

venda, ao mesmo tempo em que nenhum deles lhe é necessário. Transpondo a situação da Antiguidade para a modernidade, é mais ou menos este o espírito da crítica que Cioran lança à civilização ocidental. O autor dirá que os antigos, sobretudo Epicuro, certamente eram muito mais avançados do que nós em termos espirituais, pois sabiam viver de forma despojada e serena, virtude que, modernos, desaprendemos.

Partindo da enfática oposição sofisticada entre *physis* e *nomos*, ou seja, entre natureza e cultura/convenção, Cioran diagnostica na nossa civilização uma tara pela invenção, pela técnica, pelas instituições, o que a leva a perder-se em seu próprio frenesi de produtividade. Distancia-se assim do estado de natureza, entendido como o máximo de simplicidade e o mínimo de necessidades criadas, necessidades estas que terminam por “naturalizarem-se”. Cioran faz uma crítica severa à idolatria do progresso, que está associado à história, que está submetida ao tempo, que por sua vez procede do mal. O ideal utópico moderno, que segundo ele é, no fundo, uma busca religiosa, é o motor que nos lança em direção ao futuro.

Nossa realidade finita e temporal está distante do ser absoluto, imóvel e perfeito. Tudo o que procede do tempo é mal, e nesta perspectiva, o movimento enquanto tal é visto como negativo, sinônimo de contingência e imperfeição. Segundo Cioran, o Ocidente caracteriza-se justamente pelo investimento, pela aposta na história, que é o domínio do inessencial. Preferimos a distração, a agitação, a pressa e as máquinas ao ócio e à contemplação. “Sabemos que o movimento é uma heresia; é precisamente por isso que ele nos seduz, que nos lançamos a ele e que, irremediavelmente depravados, o preferimos à ortodoxia da quietude.” (CIORAN, 1995b, p. 1088)

Como Nietzsche, Cioran afirmará que não subjaz ao desenrolar histórico nenhum fio condutor, nenhum sentido, nenhuma finalidade; ele é como um barco à deriva que os homens imaginam controlar. Além disso, Cioran interpreta a tendência moderna de tecnização e regulação burocrática da vida como representando uma perda da vitalidade natural, uma espécie de enfraquecimento da potência vital que cria e mantém o ser. Para o autor, o ocidental é um doente, atormentado, agoniado. A aposta

moderna na autonomia humana através da razão representa para ele uma segunda queda, que reitera aquela de Adão. Aqui também, na hora de desenvolver uma crítica da cultura, Cioran recorre a metáforas e idéias religiosas para interpretar o mundo ocidental: “o ‘progresso’ é o equivalente moderno da Queda, a versão profana da danação” (CIORAN, 1995b, p. 1087).

A conclusão de Cioran é que a civilização, ávida de progresso, caminha para o aniquilamento. A sua é uma história de decadência, reafirmando a tese de Oswald Spengler sobre o declínio do Ocidente. Em vez de seguir o exemplo de outros povos que permanecem no mesmo estado durante milênios, vegetando na inércia, exteriores à marcha da história, o Ocidente corre em direção ao futuro, em direção ao abismo. No fundo, ele suspeita, o homem ocidental tem consciência da gravidade do seu caso, mas disfarça, tenta esconder seu medo misturado com vertigem.

Julgamo-nos superiores, avançados, melhores do que os outros, que consideramos atrasados, primitivos, trogloditas, bárbaros; tanta pretensão e orgulho na verdade dissimulam, segundo Cioran, o quão somos complicados, problemáticos, atormentados. Todas as sociedades vivem mais ou menos bem, com uma soma mais ou menos igual de problemas e virtudes, e não obstante uma tribo antropofágica da África central aparenta ser muito mais saudável do que o corpo social de uma grande metrópole. Neste sentido, a história do Ocidente aparece aos olhos de Cioran como a atualização mesma da trajetória de queda descrita no relato do Gênese, conforme interpretado por ele. A história de Adão é a nossa história, e segundo Cioran, continuamos os mesmos desde nosso primeiro ancestral, o promotor de nossa raça.

Alguns dos demais capítulos dignos de menção são “Le Démon Est-Il Sceptique?” (“É cético o demônio?”), “Sur la Maladie” (“Sobre a enfermidade”), e “Tomber du temps” (“Cair do tempo”).

Em “Le Démon...”, Cioran esboça uma psicologia do ceticismo e da negação, refletindo sobre a estreita relação entre o duvidar e o negar. O demônio, como agente de destruição, “espírito dogmático” (*Ibid.*, p. 1107), é o negador por excelência, não podendo sucumbir à dúvida sobre

sua função. A negação, afirmação às avessas, é uma força ativa que participa da economia do ser, pois “destruir é atuar, é criar em sentido contrário, é, de uma maneira muito especial, manifestar solidariedade com o que é.” (*Ibid.*) A negação, neste sentido, comporta um objetivo muito bem delimitado; “mas que função associar à dúvida? A que necessidade responde? Quem, além do que duvida, precisa dela?” (*Ibid.*).

Nesta perspectiva, a condição do cético seria mais desfavorável, mais temível do que a do negador; este ainda possui uma atividade, uma função, mas o cético, espírito ondulante, sem fixidez, flutua sobre suas dúvidas sem poder superá-las para agir com vistas a um fim deliberado. “O drama do que duvida é maior do que o do negador, pela razão de que viver sem finalidade é mais incômodo do que viver por uma má causa.” (*Ibid.*, p. 1108) Cioran afirmará, invertendo o ideal cético clássico, que, para todos os efeitos, a negação proporciona mais virtudes terapêuticas do que a dúvida. Para ele, a dúvida, jamais serena, quanto menos metódica, é uma obsessão do organismo, a carne que duvida, a dúvida fisiológica. A negação, da mesma forma, comporta este aspecto fisiológico, porém ela é mais estimulante, mais tonificante do que a dúvida, “infortúnio gratuito, agonia em estado puro.” (*Ibid.*, p. 1107) Este capítulo faz ressoar muitos dos aspectos pessoais do autor, principalmente sua relação conflituosa entre o ceticismo e a tentação da negação. Pelo que se apreende de sua obra, assim como de suas entrevistas e de seus cadernos póstumos, Cioran sempre oscilou entre uma dúvida crônica e uma tendência à negação, de modo que um funcionava como limitador e contraponto do outro.

“Sur la maladie” é uma meditação sobre as virtudes cognitivas e espirituais da enfermidade. Neste capítulo, Cioran elabora uma espécie de metafísica da enfermidade, enquanto estado ideal para a experiência interior. “Ceder, em meio a nossos males, à tentação de crer que não nos serviram de nada, que sem eles estaríamos infinitamente mais avançados, é esquecer o duplo aspecto da enfermidade: aniquilamento e revelação.” (*Ibid.*, p. 1126) O que a doença permite entrever é o domínio do essencial, essa dimensão última da vida que é puro padecimento. Ela desperta a vítima para a realidade enferma do ser e lhe proporciona uma experiência paradoxalmente revigorante. Cioran evoca Dostoiévski para se referir à

relação entre a enfermidade (no caso do escritor russo e de seus personagens, a epilepsia) e a experiência profunda da condição humana.

O último capítulo do livro, “Tomber du temps...” (“Cair do tempo”), é o mais autobiográfico de todos, conforme Cioran confessa numa entrevista: “eu me apego particularmente às sete últimas páginas de *La chute dans le temps*, que representam aquilo de mais sério que eu já escrevi... Existe drama maior do que cair do tempo?” (CIORAN, 1995a, p. 233). Ele se refere à sua experiência de insônia, que durante anos consumiu seus nervos. Conforme a descreve, a insônia faz com que ele caia numa espécie de eternidade negativa, inferior ao tempo, uma temporalidade morta que não se renova através da interrupção vital que é o sono. Na insônia, a consciência lancinante se torna lucidez, e o indivíduo se vê preso a uma vigília infernal, sem descanso nem esquecimento:

Os outros caem no tempo; eu, por outro lado, caí do tempo. À eternidade que se erige por cima dele sucede esta outra que se encontra abaixo, zona estéril onde só se experimenta um desejo: reintegrar o tempo, elevar-se a ele custe o que custar, apropriar-se de uma parcela dele para lá se instalar, para dar-se a ilusão de um *chez-soi*. (CIORAN, 1995b, p. 1152)

A insônia da juventude deixa marcas em toda sua vida e obra posterior. Seu primeiro livro, *Pe Culmile Disperări* (“Nos Cumes do Desespero”), é fruto dessa experiência arrasadora, e além disso, a obsessão ambígua pelo tempo retorna na grande maioria de seus livros. *La chute dans le temps* é um dos mais fascinantes deles, escrito já num momento em que Cioran está a meio caminho em direção ao laconismo e à impessoalidade estilística que viria a adotar na fase tardia de sua vida.

Referências:

CIORAN, Emil. *Entretiens*,. Paris: Gallimard, 1995a.

_____. *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Oeuvres*. Paris: Quarto/Gallimard, 1995b.

Recebido em março de 2007

Aprovado em abril de 2007